
Trabalhador, consciência de classe e a precarização do trabalho plataformizado: uma análise exploratória do documentário Motoboy/SP da Globoplay¹

Marina dos Santos FRANCO²
Elisa Maria Curci Grec HUERTAS³
Adriana da Rosa AMARAL⁴
Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO EXPANDIDO

INTRODUÇÃO

Este texto trata da precarização do trabalho intermediado por plataformas, a partir da análise exploratória de um documentário sobre motoboys que fazem entrega no qual eles falam sobre suas vidas e seu dia a dia. Num primeiro momento, tratamos da definição de plataforma digital como uma estrutura programável que facilita interações personalizadas entre usuários e complementadores, envolvendo a coleta, processamento, monetização e circulação de dados (POELL, NIEBORG & VAN DIJCK, 2020) e algumas perspectivas acadêmicas sobre a plataformização.

Outro ponto discutido é o da precariedade no trabalho na sociedade capitalista no contexto da plataformização da sociedade, destacando como os empregadores buscam reduzir custos e aumentar lucros às custas dos trabalhadores, diminuindo salários, garantias trabalhistas e qualidade de vida.

Para operacionalizar a análise também exploramos as categorias de trabalho aspiracional (DUFFY, 2015), trabalho digital (GROHMANN, 2021), *hope labor* (KUEHN & CORRIGAN, 2013) e *venture labor* (BAYM, 2015) para descrever várias formas de trabalho não remunerado ou mal remunerados presentes na prática de realizar trabalho sem remuneração na esperança de benefícios futuros.

Já a uberização do trabalho (ABILIO, 2019) destaca a crescente tendência de plataformas digitais ao conectar trabalhadores autônomos a serviços, como motoristas e entregadores, sem estabelecer uma relação formal de trabalho, analisando suas

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Publicidade e Propaganda, evento do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na região Sudeste, realizado de 30/05 a 01/06/24.

² Mestranda em Comunicação – Universidade Paulista, São Paulo. Graduada em Publicidade e Propaganda pela UNIPAC – Barbacena. E-mail: marina.franco02@gmail.com

³ Doutoranda em Comunicação – Universidade Paulista, São Paulo. E-mail: elisagrec@gmail.com

⁴ Professora do PPG Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo. E-mail: adriana.amaral08@gmail.com

implicações no contexto brasileiro e global, ressaltando a falta de regulamentação e a promoção de uma ideia de trabalhador autônomo, que organiza seu horário e recebe de acordo com os serviços prestados, sem os benefícios de um emprego formal e enfoca como essa prática, em nome do liberalismo econômico, transfere custos e riscos para os trabalhadores, como despesas com equipamentos e veículos, enquanto reestrutura setores econômicos e monopoliza atividades.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma plataforma é uma infraestrutura digital (re)programável que facilita interações personalizadas entre usuários finais e complementadores. Essa estrutura é organizada através da coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados. A definição reconhece sua natureza programável e orientada por dados, resultando da combinação de insights da perspectiva dos estudos de software e de negócios, englobando os principais participantes nos mercados de plataforma: os usuários finais e os complementadores (Poell, Nieborg, Van Dijck, 2020).

Para Marx, a relação de trabalho capitalista é caracterizada pela exploração da mão de obra. Os trabalhadores vendem sua força de trabalho para os proprietários dos meios de produção em troca de um salário, no entanto, o valor do salário não corresponde ao valor total produzido pelo trabalhador durante sua jornada (Barros e Santos, 2019).

Kuehn e Corrigan (2013) apresentam o conceito de "hope labor" (trabalho da esperança ou a promessa aspiracional), referindo-se ao trabalho voluntário realizado online, muitas vezes sem remuneração ou com uma compensação abaixo do esperado. Esse tipo de trabalho é realizado no presente, frequentemente motivado pela experiência ou exposição, na esperança de que oportunidades de emprego possam surgir no futuro.

Kuehn e Corrigan (2013) apresentam o conceito de "hope labor" (trabalho da esperança ou a promessa aspiracional), referindo-se ao trabalho voluntário realizado online, muitas vezes sem remuneração ou com uma compensação abaixo do esperado. Esse tipo de trabalho é realizado no presente, frequentemente motivado pela experiência ou exposição, na esperança de que oportunidades de emprego possam surgir no futuro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O documentário brasileiro *Motoboy/SP* lançado em 2023 e direção-geral de Celso Athayde e Léo Ribeiro, foi utilizado como base material para a discussão, sendo realizada uma observação exploratória, a fim de compreender a percepção dos prestadores de serviços de plataformas digitais e a relação de trabalho existente entre eles. O filme lançado em 22 de outubro de 2023, está disponível na Globoplay, somente para assinantes e contém com dois episódios de 60 minutos. Assim, o documentário foi assistido uma primeira vez de forma observatória e depois, mais duas vezes, com o intuito de selecionar e transcrever os principais debates e comentários relacionados a percepção dos trabalhadores sobre seu cotidiano trabalhando nas plataformas.

RESULTADOS INICIAIS

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios COVID-19 (PNAD-COVID-19, 2020)⁵, a maioria dos motoristas de aplicativos, motoboys e entregadores são jovens e negros. Cerca de 95% dos motoristas são homens, sendo que quase 60% são negros; 97% dos motoboys são homens, dos quais 66% são negros; 94% dos entregadores são homens, sendo que 62% são negros. A faixa etária também desempenha um papel significativo, com a maioria dos motoboys (47%) e entregadores (41%) sendo jovens, enquanto os motoristas de aplicativos geralmente são trabalhadores mais velhos. Esses dados evidenciam a dificuldade enfrentada pelos jovens, especialmente os negros, ao ingressar e permanecer no mercado de trabalho.

O cerne da relação desses entregadores com as plataformas de entrega, se dá por longas horas trabalhadas, na falta de estabilidade financeira, uma vez que os ganhos dependem das demandas da plataforma, a falta de segurança e apoio nos custos de manutenção dos equipamentos (pacote de dados de internet, revisão periódica das motocicletas etc.). A espera pelas corridas reflete, igualmente, uma espera pela própria existência.

Contudo, as oportunidades são determinadas única e exclusivamente por uma administração algorítmica que não revela abertamente os critérios empregados em seu gerenciamento. Dessa forma, os trabalhadores se veem impotentes diante da ausência de direitos e das exigências do aplicativo; eles se limitam à gestão de seus corpos, o que se

⁵ Informações disponíveis em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>

revela insuficiente, uma vez que o empreendedorismo pessoal por si só não é adequado.

Abílio (2020) chama de autogerenciamento subordinado

Autogerenciamento no sentido de que, submetido a um gerenciamento obscuro e cambiante que define/determina quanto ele pode ganhar e quanto tempo terá de trabalhar para tanto, o trabalhador estabelece estratégias de sobrevivência e adaptação, visando ao mesmo tempo decifrar, adequar-se à e beneficiar-se da forma como o trabalho é organizado, distribuído e remunerado. Essas estratégias também são previsíveis e integráveis à gestão. É preciso considerar ainda que o trabalhador não tem poder algum de interferência – nem mesmo de negociação – sobre as regras de distribuição e remuneração do trabalho (Abílio 2020, p.20).

A redução de direitos e a flexibilização do trabalho são, de fato, tendências que estão se manifestando em diversas formas de emprego. As plataformas, por sua vez, carregam consigo um modelo operacional que promove a precarização. No entanto, ao analisar o cenário brasileiro, é crucial examinar com maior atenção, inserindo um parêntese que oriente a análise. Isso se deve ao fato de que o trabalho precário oferecido pelas plataformas simplesmente amplia uma realidade que perdura há muito tempo nas periferias, conhecida como "viração", que, conforme Abílio (2017), ganhou destaque como *Gig Economy*⁶ ao redor do mundo.

Nesse contexto, ao focar no Brasil, é importante fazer um recorte significativo, pois o trabalhador da periferia sempre enfrentou uma realidade marcada por incertezas. Essa dinâmica se reflete em sua transição no mercado de trabalho, alternando entre empregos formais e informais, trabalhos temporários e participação em programas sociais (Abílio, 2017).

O Brasil destaca-se por uma peculiaridade importante, uma vez que a precariedade já estava presente nas relações de trabalho antes da era das plataformas; o trabalhador da periferia conviveu com a incerteza antes mesmo das notificações dos aplicativos. O que se observa, portanto, é que as plataformas estão introduzindo novas dinâmicas de exploração, promovendo uma nova versão da massificação da exploração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama apresentado pelo documentário *Motoboy/SP* revela uma realidade complexa e multifacetada para os trabalhadores de entrega por aplicativo. Jovens, em sua maioria negros, enfrentam desafios contínuos ao ingressar e se manter no mercado

⁶ Normalmente traduzido como “economia dos bicos”, o termo *gig* originalmente descreve as atividades de artistas em pequenas apresentações musicais em bares e restaurantes locais.

de trabalho, destacando-se a falta de reconhecimento e respeito pelo árduo trabalho que desempenham. A exploração desses trabalhadores, evidenciada pelo baixo retorno financeiro, insegurança e ausência de suporte nos custos de manutenção dos equipamentos, é exacerbada pela administração algorítmica das plataformas.

Esses indivíduos se veem limitados a estratégias de sobrevivência num ambiente em que não possuem influência sobre as regras de distribuição e remuneração do trabalho. A uberização do trabalho, embora introduza novas dinâmicas de exploração, também oferece perspectivas positivas para alguns trabalhadores, como a flexibilidade de horário, inclusão social e oportunidades de emprego para grupos historicamente marginalizados.

Além disso, alguns encontram na produção de conteúdo digital uma forma de expressão e esperança por reconhecimento, embora essa atividade muitas vezes não seja considerada como trabalho genuíno. O documentário ressalta a busca por reconhecimento e a luta por visibilidade dentro de uma sociedade que, muitas vezes, subestima ou não reconhece determinadas formas de trabalho. Enquanto demonstram amor pela profissão de motoboy e motogirl, esses trabalhadores também anseiam por serem vistos e reconhecidos, buscando se tornar referências e influenciadores em seus próprios círculos sociais. Essa complexa teia de desafios e aspirações revela não apenas as dificuldades enfrentadas pelos entregadores, mas também a diversidade e resiliência desses profissionais diante das incertezas e precariedades presentes no cenário de trabalho contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABILIO, L.C. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, v.18, n.3, 2019.

ABÍLIO, L. C. Plataformas digitais e uberização: globalização de um sul administrado? *Contracampo*, Niterói, v.39, n. 1, p. 12-26, abr./jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38579>. Acesso em 14 jan. 2023.

BARROS, A.; SANTOS, M. C. Marx e a precarização do trabalho. *Sociedade Em Debate*, v.25, n. 3, p. 46-58, 2019. Disponível em www.revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/2502. Acesso em 14 jan. 2023.

BAYM, N. K. Connect with your audience! The relational labor of connection. *The communication review*, v.18, n.1, p.14–22, 2015. Disponível em: doi:10.1080/10714421.2015.996401. Acesso em 14 jan. 2023.

GROHMANN, Rafael. Trabalho em plataformas é laboratório da luta de classes. In: GROHMANN, Rafael (org.). *Os laboratórios do trabalho digital*. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 13-23.

KUEHN, K.; CORRIGAN, T. F. 2013. Hope labor: The role of employment prospects in online social production. *The Political Economy of Communication*, v.1, n.1, p.9–25, 2012. Disponível em <http://polecom.org/index.php/polecom/article/view/9>. Acesso em 14 jan. 2023.

POELL, T.; NIEBORG, D.; DIJCK, J.V. Plataformização. *Fronteiras – estudos midiáticos*, v.22, n.1, p.2-10, 2020. Disponível em doi: 10.4013/fem.2020.221.01. Acesso em 14 jan. 2023